

## MEU PAI E EU

Antônio Augusto Ferreira

Eu fui criado assim, gato selvagem,  
nos arredores da cidadezinha,  
guri sempre fugido pros poteiros  
onde pastavam vacas e cavalos;  
e eu por eles já sentia estima  
e esse fascínio que até hoje sinto.  
Nenhum cuidado me zelava a vida  
queria era viver a liberdade,  
e aprendi a defender-me dos  
perigos por puro instinto.

A importante pessoa dessa infância  
foi meu pai.

Mas meu pai era assim, a lei, o aço,  
o que não transigia em meus  
deveres.

Só sabe Deus o que terá passado  
em sua vida pobre. O sofrimento  
como que a derrota de uma  
carapaça que o fazia parecer imune  
à fome e à sede, para que moldasse  
o corpo em argamassa.

Hoje penso que a força da cobrança  
ensinou-me a esgrimir contra a  
parede.

As suas bondades eram dissimuladas  
aos meus olhos,  
que só o viam duro, teso e forte.  
Para mim, meu pai era um lanque  
assentado à frente do seu rancho,  
insensível ao frio ou ao cansaço,  
incapaz de desviar-se do seu Norte.

Nem nas amargas maldizia a vida,  
nunca lhe ouvimos uma voz de  
queixa,  
pois não se permitia comiseração.  
Muito ao contrário, reagia duro:  
A vida é uma luta, vence o mais  
capaz, o que mais suar sobre sei  
eito, o que mais cedo madrugar.

Em pequeno, muito vagamente  
lembro seu colo, substituindo a mãe,  
que já se fora.

Mas essa imagem me é tão remota  
que raras vezes a reconstituo.

O tempo que me vem mais à  
memória é o do guri que, mal a lei  
saía, largava tudo pra voar na rua.

Eu amava meu pai e na sabia,  
ou, se sabia, tratava de ocultá-lo a  
mim mesmo.

As manifestações de afeto familiares

pareciam perturbar-me a natureza.

Eu era apenas um menino  
que se omitia em demonstrar  
ternura temendo que algum gesto  
de carinho pudesse confundir-se  
com fraqueza.

Havia vezes em que eu o odiava  
e o rejeitava, ao me sentir sozinho,  
porque cobrava cada ato falho,  
porque ralhava contra qualquer falta  
que pudesse levar-me ao  
descaminho.

As palavras de meu pai eram tais  
ordens que se devia cumprir de  
qualquer jeito.  
Dessas palavras, e dos gestos fortes  
ficou-me para sempre esse preceito  
do amor ao trabalho e à família.

Mas o trabalho nesses longes  
tempos, era de sol a sol, áspera  
trilha que se devia abrir com toda a  
força e renovado vigor a cada dia,  
a vida inteira.

Já a família se agrupava muito,  
toda a pobreza era irmã mente  
repartida e a dor e a enfermidade  
eram veladas em conjunto.

A cada filho que se amancipava  
suando seu salário, o tratamento de  
meu pai ficava ameno, talvez mais  
doce, um pouco mais sereno,  
mas a cobrança seguia ao  
necessário.

Nunca o vi chorar.

Seus sentimentos eram tão cerrados  
que foi preciso me fizesse homem  
pra desvendar o seu amor imenso.  
Esta descoberta veio aos poucos,  
a idade chegara para todos  
a lei passou então a ser mais branda  
e o cuidado talvez menos intenso.

Eu que me fiz adulto antes do  
tempo, saí de casa como um filho  
sai, sem saber o quanto a rua me  
ensinara nem atinar a força da  
argamassa que herdara de meu pai.

Nem eu mesmo sabia de que pedra  
eu era feito. Tinha meus sonhos  
e a insegurança daquele que  
começa, quando atirei a vida sobre  
os ombros e parti para o mundo a  
me provar.

O medo de ser frouxo me assustava;  
eu sabia que atrás de cada esgrima  
havia uma parede que não me  
deixaria recuar.

Hoje a vida passou, vou cerro  
abaixo, o corpo vai sofrendo seus  
estragos,  
mas me alegra saber que o coração  
é pedra doce – fácil de amoldar,  
mas que sofre sozinho nos seus  
medos e jamais reparte seus  
fracassos, pois não lhe permitiram  
nunca o direito de chorar.

É nessas horas que meu velho volta  
e me levanta na palavra:

Assim é a vida, só se vence quem  
lutar.

Aperta o coração, afirma o braço,  
ergue a cabeça e segue em frente.  
Lá é teu lugar.